

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ARTIGO

A RESILIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR E O PAPEL DO PROFESSOR

ZÍPORA RAQUEL DE PAULA

Resende – RJ

2014.1

# A RESILIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR E O PAPEL DO PROFESSOR

Zípora Raquel de Paula

Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UERJ/EAD

## RESUMO

O presente artigo tende a apresentar a resiliência em um ambiente educacional, escola, e o papel dos profissionais que ali trabalham para a formação deste aluno. A escola tem um papel fundamental na educação de seres resilientes, capazes de transformar e reinventar novas formas para lidar com as adversidades advindas do cotidiano. Sendo o professor uma espécie de facilitador para a aprendizagem deste sujeito, este exerce um papel fundamental no incentivo, construção e articulação de informações e saberes na constituição de conhecimentos com o educando.

**Palavras-chave:** Resiliência; educação; professor.

## Abstract

This article tends to provide resilience in an educational environment, school, and the role of professionals working there for the formation of this student. The school has a key role in resilient beings, capable of transforming and reinventing new ways to deal with the adversities arising from the everyday education. Being the kind of teacher facilitator for learning this subject, this plays a key role in encouraging, construction and articulation of information and knowledge in the creation of knowledge with the student.

**Keywords:** Resilience; education; teacher.

## **INTRODUÇÃO**

O ponto de partida para caracterizar se uma escola busca ser resiliente e, portanto, inclusiva, ou não, é a concepção que os profissionais dessa escola têm sobre sua função.

(Celso Antunes)

O presente artigo tem como ponto de partida as palavras ditas por Celso Antunes, que trata a resiliência como a capacidade do indivíduo de resistir às condições adversas e persistentes do meio e utilizá-las de maneira a transformar e desenvolver-se pessoalmente e socialmente. O ambiente escolar, no qual o ser resiliente está inserido é um dos principais meios de transformação para este indivíduo, entretanto é preciso que a escola seja um local propício e estimulante capaz de valer-se da resiliência para construir o seu próprio modelo de organização, estabelecendo uma escola resiliente.

Desta forma, o papel do professor deve ser a construção de inteligências coletivas, valorizando muito mais o processo de aprendizagem do que o resultado obtido, favorecendo a heterogeneidade e a construção de saberes múltiplos e coletivos com seus alunos.

### **Resiliência e seu conceito**

A resiliência é um tema estudado há poucos anos na área das Ciências Humanas, Educação. Entretanto vem ganhando margem e estabelecendo-se, e cada vez mais teóricos buscam entender o crescente o número de resilientes.

Para ASSIS (2005, p.7),

resiliência não é um atributo que nasce com o sujeito, mas sim uma qualidade que nasce da relação da pessoa com o meio em que ela vive; e que pode fortalecê-la para superar as dificuldades e violências vividas. Desta forma, a resiliência pode ser trabalhada e estimulada por qualquer grupo social ou instituição escolar, comunidades, profissionais, famílias.

Percebe-se que pessoas com rendas inferiores e que vivem em locais como as periferias, são as que, em geral, apresentam o quadro de resiliência.

O conceito de resiliência parte da capacidade que o sujeito tem de utilizar das adversidades à qual foi exposto e valer-se da sua experiência e resistência para cruzar a barreira a ele imposta, com o propósito de promover o seu desenvolvimento e crescimento social e pessoal.

O grau de resiliência é definido conforme as defesas que serão desenvolvidas em cada indivíduo de acordo com as adversidades na qual este indivíduo é exposto. Nota-se que tais indivíduos tornam-se autoconfiantes e mais fortes quando expostos a novas situações.

## **O ambiente escolar**

A resiliência vista e tratada no ambiente escolar trás muitas indagações que levam a análise. Nota-se que as escolas, principalmente as públicas, estão repletas de indivíduos resilientes, entretanto estes alunos são tratados como alunos comuns, sem distinção e com currículos que não exploram o potencial de superação e persistência deste indivíduo, avaliando-os de maneira quantitativa e discriminatória, deixando de lado a contextualização do ambiente no qual o aluno está inserido.

A escola pública brasileira não é e nem poderia ser uma organização resiliente. Nosso sistema educacional não foi desenhado para produzir equidade. Não temos uma escola para pobres que funcione, dando mais para quem tem menos. (ANTUNES, 2011, p.31)

O trecho de ANTUNES retrata de forma clara a realidade do sistema educacional brasileiro, com todas as suas desigualdades e discriminação, fala de recursos e investimentos, tanto em estrutura material como na capacitação e valorização do professorado, mas de fato nada acontece. Não trata-se apenas do espaço físico e às péssimas condições na qual muitas escolas, sejam elas em zonas urbanas ou rurais, encontram-se, trata do descaso que a

educação vem sendo tratada no Brasil.

O ambiente escolar deve ser acima de tudo um local para a troca de conhecimentos, o compartilhamento de ideias, um espaço que leve a reflexão, onde os indivíduos ali inseridos construam suas opiniões e críticas. Os currículos devem ser montados de acordo com a realidade de cada comunidade escolar, inspirados na realidade do seu alunado a fim de desenvolver as habilidades e competências. Haja vista que, a competência é um processo, que mobiliza saberes e os coloca em prática e a habilidade é a forma como esta competência é aplicada.

Ajudar as pessoas a descobrir as suas capacidades, aceitá-las e confirmá-las positiva e incondicionalmente é, em boa medida, a maneira de torná-las mais confiantes e resilientes para enfrentar a vida do dia-a-dia por mais adversa e difícil que se apresente. (TAVARES, 2001, p.52)

As escolas resilientes devem ser estruturadas em redes interdisciplinares que permitam a oportunidade do conhecer, do fazer, do relacionar, do aplicar e transformar. Tornando “essencial a construção de alguns princípios pedagógicos que possam refletir a) currículo; b) a avaliação; c) a aprendizagem; d) a criatividade; e) o método; f) a espiritualidade e g) muitos outros meandros da organização escolar.” (ANTUNES, 2011, p.37)

Assim o papel da escola na formação educacional deste educando é fundamental. O reconhecimento de que o aluno resiliente existe e está presente nas escolas brasileiras é o primeiro passo para a transformação de um sistema educacional, vendo a resiliência como um fato a ser estudado e desenvolvido e não como uma exclusão da sociedade.

## **A prática docente**

Professores de fato resilientes existem, porém estão presos a um sistema de ensino tradicional e arcaico no qual foram formados, se opondo a resiliência e suas potencialidades. Entende-se necessário uma formação continuada com capacitações voltadas a contextualização do ambiente no qual a comunidade escolar está inserida e assim se construir professores resilientes

capazes de entender e formar esta clientela cada vez maior de alunos resilientes.

Por conseguinte, a formação docente - que nunca está concluída - pode ser entendida como um processo evolutivo que prossegue ao longo de todo o ciclo de vida e que constitui, antes de mais, um caso particular do desenvolvimento psicológico humano o qual ocorre desde o início da vida e continua durante toda a idade adulta, articulando-se em torno de dois vectores centrais: a maturidade e a competência (SIMÕES & SIMÕES, 1990).

O trabalho diferenciado e interdisciplinar deve ser enfatizado por este docente. Incluindo no seu cotidiano atividades pedagógicas voltadas e centradas na elaboração de projetos, resolução de problemas buscando o desenvolvimento das competências e habilidades, com conteúdos baseados na realidade e cotidiano dos seus alunos.

ANTUNES (2011), fala da participação do professor e coloca esta como decisiva e mais importante para a transformação do mesmo. Porém, enfatiza a necessidade de *“construir uma pedagogia para a realidade da escola pública brasileira”* e *“formar uma equipe interdisciplinar integrada por educadores e profissionais de diferentes setores”* com um plano de ação.

FREIRE (1996) em *Pedagogia da autonomia* afirma que *“ensinar não é transferir conhecimentos”* e *prossegue dizendo que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém.”* Desta maneira, um sistema de ensino que englobe a resiliência deve ter como foco a construção de sujeitos autônomos capazes de formar suas próprias reflexões e críticas incentivando a automotivação, a autodescoberta, a autoestima e o autoconhecimento.

Não é possível criar um currículo único pra escolas resilientes, visto que um aluno não é como o outro e as escolas não são iguais, assim o currículo deve ser construído com a participação de toda a equipe docente conforme o contexto em que cada comunidade escolar está inserida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação resiliente requer flexibilidade e agilidade para fornecer recursos que desenvolvam a confiança para com os resilientes e o mais importante, que tenham profissionais voltados para esta perspectiva e que apresentem habilidades e competências para atuar de forma resiliente. Considerando que a valorização do conhecimento do aluno é de suma importância para que a aprendizagem deste educando ocorra e o professor também aprenda a lidar melhor com este público que vem crescendo a cada dia.

A utilização de estratégias que integre e inclua este aluno de fato no ambiente escolar deve ser constituída conforme a demanda do local onde tal escola está inserida e de acordo com a clientela atendida, envolvendo um trabalho dinâmico e interdisciplinar.

O aluno resiliente não aprende menos que os demais alunos ele aprende de maneira diferenciada a partir dos conhecimentos pré-construídos levando a coconstrução de novos saberes e práticas. Neste momento o papel do professor é fundamental para a mediação desta aprendizagem, tornando-a significativa e contextualizada, transformando uma informação em aprendizado. Valendo-se de práticas multidisciplinares que levam o aluno resiliente a valorizar-se, fortalecendo sua autoestima e encorajando-o em seu processo de ensino-aprendizagem, que ao mesmo tempo este processo de ensino-aprendizagem vale ao professor que está presente com este aluno cotidianamente.

Portanto, a resiliência está cada vez mais presente no ambiente escolar e o papel do professor como mediador deste processo é de fato de extrema importância para a formação deste ser resiliente e contribui para a criação de uma escola pública de qualidade que se preocupe com a aprendizagem do seu aluno seja ele quem for *dando mais a quem tem menos*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Celso, 1937 – Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade, fascículo 13/Celso Antunes. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ASSIS, S. G. *Encarando os desafios da vida: uma conversa com adolescentes*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, ENSP, /CLAVES, CNPq, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

SIMÕES, C.M.; RALHA-SIMÕES, H. O desenvolvimento pessoal dos professores e a competência pedagógica. In: TAVARES, J.; MOREIRA, A. (Eds.) *Desenvolvimento aprendizagem, currículo e supervisão*. Aveiro: PIDACS, 1990. p. 179-203.

TAVARES, J. (org) *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.